

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)  
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

## PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº49 - MAIO - PORTO VELHO, 2002  
VOLUME IV  
ISSN 1517-5421

EDITOR

**NILSON SANTOS**

CONSELHO EDITORIAL

**ALBERTO LINS CALDAS** - História  
**ARNEIDE CEMIN** - Antropologia  
**ARTUR MORETTI** - Física  
**CELSO FERRAREZI** - Letras  
**FABÍOLA LINS CALDAS** - História  
**JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL** - Geografia  
**MARIA CELESTE SAID MARQUES** - Educação  
**MARIO COZZUOL** - Biologia  
**MIGUEL NENEVÉ** - Letras  
**VALDEMIR MIOTELLO** - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times  
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"  
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775  
CEP: 78.900-970  
PORTO VELHO-RO

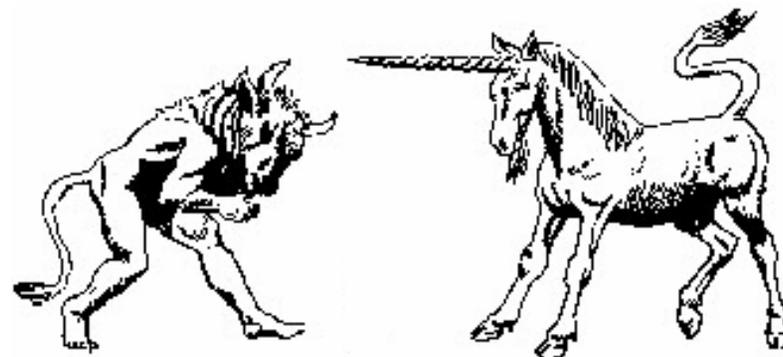
TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

# PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

*lathé biosa* **49**



**TEXTUALIZAÇÃO**

**MARIA CRISTINA PEREIRA DE SOUZA**



**Maria Cristiane Pereira De Souza**

Aluna do curso de História - Centro de Hermenêutica do Presente – UFRO

mcristianeps@bol.com.br

## TEXTUALIZAÇÃO

De início gostaria de esclarecer alguns enganos teóricos: entrevista não é História Oral, seja ela exercida com rigores teóricos ou não. A entrevista em si não caracteriza nenhuma teoria sobre História Oral. A História Oral também tem seus equívocos. Talvez pela composição do nome é entendida como uma 'história' (disciplina) que utiliza fontes orais como complementação e/ou confirmação às fontes escritas. A História Oral, ou pelo menos certa história oral não é sobre oralidade e nem se baseia completamente sobre a oralidade. A oralidade é um momento no caminho da apreensão, de uma sondagem do presente. O termo sondagem, ainda provisório pois não expressa de todo a idéia que tenho desenvolvido, que é: através da apropriação da linguagem tenciona-se compreender o presente. O que difere da história que nunca é sobre ou chega ao presente.

O termo sondagem é aplicado para assinalar o desconhecimento intencional que colocamos frente ao presente. É como se pronunciássemos: "O presente não existe e eu vou fazê-lo a partir de minha perspectiva. Ele não é o que eu estou lendo, o que estou vendo, porque tudo está pronto."

E aqui trazemos um fragmento do texto "Ontologia, Virtualidade, História" de <http://www.unir.br/~caldas/Alberto> para especificar a aceção deste presente:

"conceber o presente não como uma fina fatia de tempo, mas como *dobra*: múltipla dimensão onde convergem todas as vivências, todos os significados, todos os passados, deixando de lado tanto a concepção de *História* quanto uma idéia *presentista*: o passado deixa de existir como tendo acontecido e o presente escapa do seu imediato. Sem o imediato do presente, sem os discursos que o produzem, reproduzem ou capturam, não há o presente, que é somente quando desdobrado, em desdobramento, em tenção, em atualização. Não há o presente como depósito, arquivo, baú. A "forma de existência" do presente é a de virtualidade [...]. Não há a língua antes do seu exercício, somente a língua em exercício, a atualização em desdobramento que a faz ser. Virtualidade viva no viver."

Sendo assim Roma clássica, Egito antigo, Renascimento e outros 'fato histórico' estão presentes enquanto linguagem (estrutura do existente) dada por uma presença social. Não há uma Roma, um Egito antigo ou o Renascimento estagnado num passado, com uma existência física e metafísica, esperando pelo crivo dos estudiosos, para ser descoberta, trazida a luz da ciência. Falamos e vivemos Roma. Pois Roma existe para nós apenas como criação e a recriamos na linguagem. O que é Roma para um pigmeu? Nada. Não há significância pois não faz parte de sua estrutura de linguagens tais construções.

A História Oral parte de pressupostos diferentes da antropologia, psicologia, história, das ciências humanas. O pressuposto da História Oral é nossa existência social, todos os processos sociais que nos apresenta como narrativa momentânea de linguagem. É a linguagem que cria nossos corpos, nossas crenças, ordena a

sociedade. Fomos inscritos nos códigos desta cultura. Nesta percepção de linguagem constitutiva damos-nos conta da plasticidade do mundo. A História Oral não é ciência por que a ciência é naturalizante, para esta não há linguagem como ficção.

Uma das preocupações fundamentais da História Oral é: termos o cuidado para não objetificar o 'outro', não naturalizarmos. Se tornarmos o 'outro' o objeto de conhecimento, do pesquisador nós o estaremos reafirmando como mercadoria, limitando o 'outro' da ciência a uma linguagem como objeto de estudo. O momento da entrevista requer a vigilância ético-epistemológica: não dialogarmos com nosso desejo, com os nossos motivos teóricos-metodológicos, nossas questões que possam tolhe, retalhar, deformar o *outro* em sua linguagem. Com isso não queremos re-invocar a velha parcialidade, não-interferência, ao contrário, propomos assumi-la em sua plenitude: o *outro* fala porque estou escutando em diálogo numa relação de entrelaçamentos, num imbricar, numa livre escolha para suas contradições. A existência do oralista é plena de interferência num dialogismo com a existência do entrevistado. Esse 'outro'(objeto) mirrado é confirmação dos objetivos e práticas que queremos alcançar do conhecimento científico. Mesmo o 'outro' no seu discurso deixa aparecer em seus entremeios este *outro*: resultado dos fluxos discursivos ficcionais, virtualidade social narrativa e textual, leitura que se organiza a partir dos limites do perceptível e do aceitável da sua *comunidade*.

Para compreendermos as especificidades de certa História Oral faz-se cogente distinguir os fundamentos em que esta inserida. Devemos não confundir determinados conceitos (como faz o livro didático de História): *o vivido* onde homens vivenciam sentimentos e situações a partir das suas vidas e perspectivas, situações que se esfumam ao serem vividas; diferencia-se do *fato* ou *acontecimento* que é sempre uma construção ficcional daquele vivido, uma perspectiva, intertextualidade, uma abertura, sempre menos e sempre mais, sempre narrativa e ficcionalidade, sempre *texto*. Esta representação ocorre em processos múltiplos, contínuo e por vezes imediato: a percepção que temos do som emitido pelo cachorro e sua relação que fazemos com o ser que chamamos de cachorro divergem entre si e com o código que usamos para representa-lo. Deste modo a palavra cachorro, o seu desenho, não são o ser cachorro, mas todo esse sistema de representação funciona de forma imediata e contínua para a nossa comunidade. Cada comunidade faz sua leitura do caos criando uma camada fina de significados e as redes simbólicas de sentido que cobrem esse caos; e cada pele corresponde aos vários tipos de leituras construídas em relações. O olhar não suporta o *nada*: sem reconhecimento não há o ver; sem um projetar profundo, não conseguimos ver. Toda projeção do ser é construída pelas relações. São elas que formam uma *rede de significados vivenciados*, criando possibilidades de compreender e apreender *o sentido do real enquanto ficcionalidade coletiva*.

Mas para que serve este tipo de História Oral? Para nada. É inútil para a estrutura real e natural. É inútil para fazer rolar o eixo da mercadoria, do sistema ideológico que garante a produção. Se muito servir quiçá seja para a aquisição da consciência pessoal num discurso crítico do conhecimento, das formatações que compõe cada ser; que se converge na textualização: que faz fluir o *outro* da linguagem põe-se em dialogo em pela interpretação comigo que sou linguagem. Outra conveniência para História Oral como conjunto teórico, (para quem necessite do utilitarismo como suporte das ações), é a de sanar a deficiência do Marxismo e das ciências humanas que não sondam o presente apenas trabalhando com estrutura e conceito.

Do que somos constituídos? De discursividades. Somos fábulas (formatações) dos outros, do mundo e de nós mesmos. Somos discursos montados pela coletividade, um algo para esconder núcleos vazios. A História Oral dentro dessa perspectiva de aquisição da consciência (consciência do projeto que somos nós, aprendendo a ouvir a nossa voz, a sabê-la existente: sentir seu contorno, seu calor, as nuances que a faz ser o que não é, ser o que deveria ser, ser aquilo que sonhou: compreender suas vozes e murmúrios como se tudo fosse uma grande e mesma voz: saber os sentidos e significados que é a identidade mais íntima de nós mesmos) busca aproximação com os discursos constitutivos da interioridade, da experiência, da palavra, da singularidade como um dos caminhos necessários para se chegar ao conjunto da nossa atuação. A prática social vigente e pagamos para dizer o essencial, porque o essencial permanece escondido, a linguagem é um jogo de esconde-esconde e não de revelações. Falamos do tempo, do jogo, da novela. Mas pagamos a psicólogos para dizer o que realmente vale a pena ser dito. O oralista quer se colocar ao encontro do fluir a linguagem.

O assunto eleito para uma pesquisa tem função simplesmente operacional: o oralista precisa de uma ilusão básica para chegar a um local e ali iniciar uma leitura nas redes de discursos. O outro em sua frente é discurso tecido entre escolhas de imagem, de linguagem. Não há nada além das palavras e idéias: a fala direcionada gera ficção, falseamento. O escrito da nossa imagem (representação) é sagrado, o livro é sagrado. Platão apresentar a idéia de que o mundo é um simulacro do mundo das idéias, do mundo perfeito. Os poetas têm baixa estima na sociedade pensada por Platão por representarem o grupo que cria e re-cria simulacro sobre simulacro. Na caverna de Platão o simulacro é sombras, tudo é apenas sombra, penumbra, movimento de não-luz. A Textualização nesta compreensão de realidade ficcional, sendo o passado criação literária ficcional no presente, abre-se como uma maneira de abordar o texto.

A ficcionalidade concernente à categoria do real, do humano, permeia o texto em História Oral e garante de rigor ético-filosófico e não um rigor científico. A ética se concretiza no ouvir, deixar o outro construir o seu "eu" profundo, se metamorfoseia elaborando um corpo uma idéia, um sonho, um desejo, satisfazendo o desejo de se dizer. A intencionalidade em História Oral esta no contar do outro, sua ilusão, como monta o fabular. A intenção esta no fulgor do relato num auto-eco História Oral, deixando fluir nossa narrativa. O que é verdadeiro ou falso, o que está certo ou errado, 'o que realmente aconteceu' na narrativa são perguntas incabíveis quando se trabalha com a concepção de realidade, humano, sociedade e todo o complexo de símbolos, imagens como ficcionalidade. No texto "Ficção e Realidade" em <http://www.unir.br/~caldas/Alberto>:

"A ficcionalidade não reduz o texto ou a realidade a ser uma mentira ou uma ilusão. Deformação é a "realidade" e os "nossos textos" dizerem-se sem o saber que são objetivos-além-do-mundo ou que seu rigor garante-lhe uma realidade-verdade: enquanto um texto ficcional encontra seu devido rigor e consciência, voltado ao coletivo e às possibilidades reais de mudança e consciência, aqueles textos que são "cientificamente objetivos" desconhecem que são apenas perspectivas ideológicas, afundados num inconsciente redemoinho etnocêntrico, que, sempre que pensaram ter conquistado o mundo somente o haviam perdido por covardia, capachismo e falta de talento."

Existe diversidade na definição do que seja o texto final do conjunto de técnicas em História Oral: Alguns acreditam que a oralidade é documento (fitas gravadas); outros que a oralidade escrita (a transcrição) é o documento. A idéia da textualização intenciona que oralidade e o primeiro texto (oralidade escrita) é insuficiente para exprimir a intenção do colaborador, pois o código escrito e falado são essencialmente diferentes. A transcrição é uma integralidade de imagens incompletas vítimas da oralidade (linguagem). Ela não é a oralidade e nem a fidelidade aos propósitos do colaborador. A transcrição é uma tentativa desta intenção. A oralidade por sua vez não é um dizer: é um esconder que apreendemos como um dos passos que gerarão outros textos que se encaminham para a intenção.

Na utilização das técnicas de História Oral e compreensão do que é seu texto final consolidou-se várias formas de apresentação da entrevista e suas utilizações:

1. Emprega a transcrição na entrevista e a utiliza em Corte na fala do outro. Deixando que fale o "outro" para continuar o discurso do pesquisador, da ciência e do conhecimento. Uma parte do outro que será eu mesmo falando.
2. Um texto preliminar apresenta a situação da entrevista e em seguida insere a entrevista como um jogo de perguntas e respostas.
3. A entrevista é apresentada em forma de depoimento sendo disposta uma diretriz temporal. Este tipo de texto faz certo tipo de textualização.

Nesse contexto conflituoso entre o esconde da oralidade e a intencionalidade da transcrição, a textualização estabelece uma conquista de um diálogo. O texto definitivo, que passa por uma textualização retorna as intenções do colaborador, realizando-as. Não há uma re-escritura na operação do texto, com a textualização. Não se re-escreve a transcrição. O que ocorre é um afloramento da intenção, um deixar fluir a narrativa escondida pela oralidade das ficções que somos criadas pela família, pela sociedade e por nós. Nas ciências humanas: teoria e método criam a realidade. Em História Oral a textualização é a prática teórica da conquista do que diz ser: o colaborador; numa tentativa de fazer a individualidade, a singularidade. Assumir a ficção que o outro é a que nós somos é assumir a interferência no texto através da textualização e da interpretação.

A interpretação é o momento mais próprio do oralista que entra em diálogo com o texto por que ali é necessário fazer fluir o texto sendo ele infinito e polifônico requerendo uma postura que coloca em segundo plano o conhecimento e teorias. O texto é pura ficcionalidade, simbólico: não tem porta, não tem entrada. É ponte para multiplicidade nossa no mundo. O olhar sobre a interpretação do texto é um conceito de barthesiano desenvolve em "Câmara Clara" sobre as fotografias: o "punctum": um ponto que atravessa você e o outro, desencadeando um encontro. O outro e você vão gerar interpretação. Um exemplo disso: "Deus pairava sobre as águas". Questões: quanto tempo eterno Deus permaneceu assim? Quantos mundos ele fez e desfez? Isto é o ponto no texto: não importa, o antes e o depois textual, o que importa e o toque, o roçar que ocorre entre textos: entre você e o outro. O interprete: in-verte, sub-verte neste jogo de sombras. Não é o trazer a luz, a perfeição, a verdade. Mas sim um per-verter de simulacros as cristalizações, as máscaras pessoais.

## VITRINE

**DIVULGUE:**

PRIMEIRA VERSÃO  
NA INTERNET

**<http://www.unir.br/~primeira/index.html>**

Consulte o site e leia os artigos  
publicados

**SUGESTÃO DE LEITURA**

*nem tudo que vi*

*transformei*

*em palavra*

*às vezes o peixe  
arrebenta a vara*

**CARLOS MOREIRA**